

O PAPEL DO ENFERMEIRO NO CUIDADO HOSPITALAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO: REVISÃO INTEGRATIVA DE ESTUDOS BRASILEIROS

SANTOS, Claudete Batista dos¹
BARCELOS, Rauani Katheleen²
GREBINSKI, Ana Tamara Kolecha Giordani³
FELIX, Vanessa Cappellesso Horewicz⁴
OLIVEIRA, Nina Rosa Gomes de⁵

RESUMO

Diante das especificidades do Transtorno do Espectro Autista, a atuação da equipe de enfermagem demanda estratégias de cuidado individualizadas, que respeitem as singularidades da criança e favoreçam sua adaptação ao ambiente hospitalar. Nesse contexto, o objetivo deste estudo é analisar o papel do enfermeiro no cuidado de crianças com autismo durante a internação hospitalar, focando nas práticas e estratégias adotadas no Brasil para melhorar a experiência hospitalar desses pacientes. A metodologia adotada foi a revisão integrativa, realizada nas bases de dados BVS e Google acadêmico. Foram incluídos neste estudo artigos científicos originais (observacionais ou de caso) em português, publicados entre janeiro de 2022 e dezembro de 2024, com texto completo disponível. O foco foi em crianças com diagnóstico de autismo atendidas por equipes de enfermagem em ambiente hospitalar no Brasil. Excluíram-se publicações secundárias, estudos sem envolvimento da enfermagem ou que abordassem adolescentes e adultos com TEA. A análise foi descritiva permitindo a observação, quantificação, descrição e categorização das informações. Conclui-se que a atuação do enfermeiro deve ser pautada não apenas pela competência técnica, mas também pela empatia, promovendo um cuidado holístico e flexível que contemple tanto a criança quanto sua família. A implementação de um cuidado sistematizado, humanizado e centrado nas necessidades individuais é fundamental para garantir um atendimento seguro e de qualidade, respeitando as particularidades e potencialidades da criança com Transtorno do Espectro Autista no contexto hospitalar.

PALAVRAS- CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Humanização da Assistência; Enfermagem.

THE ROLE OF NURSES IN THE CARE OF HOSPITALIZED CHILDREN WITH AUTISM

ABSTRACT

Given the specific characteristics of Autism Spectrum Disorder, nursing care requires individualized strategies that respect each child's unique needs and promote their adaptation to the hospital environment. This study aimed to analyze the role of nurses in the care of hospitalized children with Autism Spectrum Disorder, with a focus on the practices and strategies adopted to enhance the hospital experience of these patients. The methodology adopted was a integrative review, held in the BVS and Google academic databases. This study included original scientific articles (observational or case) in Portuguese, published between January 2022 and December 2024, with full text available. The focus was on children diagnosed with autism treated by nursing teams in a hospital environment in Brazil. Secondary publications, studies without nursing involvement or that addressed adolescents and adults with ASD were excluded. The findings indicate that effective nursing care should be grounded not only in technical competence but also in empathy, enabling a holistic and flexible approach that addresses the needs of both the child and their family. The implementation of systematic, humanized, and individualized care is essential to ensuring safe, high-quality healthcare that respects the specific characteristics and potential of children with Autism Spectrum Disorder in hospital settings.

¹ Acadêmica de Enfermagem do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, Cascavel/PR. E- mail: cbsantos8@minha.fag.edu.br

² Acadêmica de Enfermagem do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, Cascavel/PR. E- mail: rkbarcelos@minha.fag.edu.br

³ Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, Doutoranda em Enfermagem pela UFPR, Cascavel/PR. E- mail: anatkggrebinski@fag.edu.br

⁴ Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz,

⁵ Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, E- mail: ninarenf@hotmail.com

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder. Humanization of Care. Nursing.

1. INTRODUÇÃO

O autismo, integra um grupo de condições do neurodesenvolvimento classificadas como Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) ou, mais recentemente, Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Essas condições compartilham sintomas centrais que comprometem três áreas específicas do desenvolvimento: (a) déficits nas habilidades sociais, (b) dificuldades na comunicação verbal e não verbal e (c) comportamentos, interesses ou atividades restritas, repetitivas e estereotipadas (SILVA; MULICK, 2009).

O número de diagnósticos de TEA tem aumentado significativamente nas últimas décadas em todo o mundo (SCHECHTER; GREETHER, 2008), o que evidencia a necessidade de maior preparo por parte dos profissionais das áreas da saúde, educação e assistência social. Esses profissionais, especialmente os que atuam com o público infantil, devem estar devidamente capacitados para lidar com as especificidades do transtorno, em consonância com os dispositivos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que assegura o direito ao acesso integral e adequado aos serviços de saúde (BRASIL, 1990).

O TEA é caracterizado por alterações na interação social, na comunicação e por padrões comportamentais repetitivos e restritivos (PINTO *et al.*, 2016). Embora sua manifestação ocorra na infância, as características do transtorno variam amplamente entre os indivíduos, o que exige avaliação e intervenção individualizadas (MAPELLI *et al.*, 2018). Um dos fatores frequentemente associados ao TEA é o retardo mental, presente em cerca de 60% a 75% dos casos, com diferentes graus de gravidade (BAILEY *et al.*, 1996).

Nesse contexto, a hospitalização pode representar um momento particularmente desafiador para crianças com TEA, considerando suas dificuldades específicas. O cuidado prestado por profissionais de enfermagem deve contemplar o desenvolvimento de competências técnicas e comportamentais que possibilitem um atendimento humanizado e personalizado. As intervenções devem ser planejadas conforme o grau do transtorno, abrangendo desde terapias medicamentosas até abordagens multiprofissionais integradas (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

Com uma formação teórico-prática consistente, o enfermeiro desempenha papel essencial na identificação precoce de sinais do TEA, no apoio às famílias e no estímulo à continuidade do tratamento, contribuindo para melhores desfechos clínicos (MELO *et al.*, 2016). Além disso, atua como elo entre a equipe multiprofissional, os familiares e a criança, favorecendo o estabelecimento

de um vínculo terapêutico que possibilite segurança emocional e adesão às estratégias terapêuticas (NOGUEIRA; RIO, 2011; BARBOSA; NUNES, 2019).

Durante o período de internação, o enfermeiro, por estar em contato contínuo com o paciente e sua família, é responsável por criar um ambiente acolhedor e livre de estigmas, promovendo conforto e segurança. Diante das limitações comunicacionais comumente associadas ao autismo, torna-se imprescindível a adoção de estratégias adaptadas, como o uso da musicoterapia e de recursos lúdicos, que favoreçam a expressão, a autonomia e a adaptação ao ambiente hospitalar (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

O cuidado prestado deve considerar ainda os aspectos econômicos, culturais e sociais de cada usuário, integrando os saberes técnico-científicos com o conhecimento empírico e comunitário (BRITO *et al.*, 2012). Assim, é imprescindível que a equipe de enfermagem esteja adequadamente preparada para lidar com as complexidades relacionais decorrentes do grau de desenvolvimento e das particularidades de cada criança com TEA (DARTORA; FRANCHINI; MENDIETA, 2014).

Diante do exposto, destaca-se que o objetivo deste estudo é analisar o papel do enfermeiro no cuidado de crianças com autismo durante a internação hospitalar, focando nas práticas e estratégias adotadas no Brasil para melhorar a experiência hospitalar desses pacientes.

A internação hospitalar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige um cuidado especializado. Este estudo é crucial para analisar o papel do enfermeiro no Brasil, identificando as práticas e estratégias que otimizam e humanizam a experiência hospitalar desses pacientes. Tal análise não só preenche uma lacuna na literatura, mas também oferece subsídios para a capacitação profissional e o desenvolvimento de protocolos, promovendo uma assistência mais eficaz e centrada na criança e sua família.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa conduzida segundo as etapas preconizadas pelo referencial metodológico de Whittemore e Knafl (2005), a saber: a) Identificação do problema; b) Levantamento da literatura; c) Avaliação dos dados; d) Análise dos resultados; e e) Apresentação da revisão.

Para assegurar o rigor metodológico da pesquisa, foram seguidas as recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), conforme estabelecido por Moher *et al.* (2009).

A pergunta norteadora da pesquisa foi: Qual é o papel do enfermeiro nas práticas e estratégias adotadas para melhorar a experiência hospitalar de crianças com autismo durante a internação?

A questão foi elaborada por meio do acrônimo PICO. P (População): Crianças com idade entre 11 anos, 11 meses e 29 dias, conforme definido pelo ECA (BRASIL, 1990), diagnosticadas com TEA; I (Fenômeno de interesse): Práticas e estratégias de cuidado realizadas pelo enfermeiro; Co (Contexto): Atuação do enfermeiro no ambiente hospitalar brasileiro durante a internação de crianças com TEA.

No recorte etário foi delimitado à faixa da infância, com base na definição legal do ECA e nos protocolos assistenciais pediátricos. O recorte temporal abrange estudos publicados entre janeiro de 2022 e dezembro de 2024, garantindo a inclusão de dados atualizados sobre práticas de enfermagem aplicadas ao cuidado de crianças com TEA no contexto hospitalar. Essa delimitação justifica-se pela necessidade de compreender as abordagens mais recentes, incluindo diretrizes clínicas atualizadas, protocolos institucionais e intervenções centradas no bem-estar e na adaptação da criança com TEA ao ambiente hospitalar.

A coleta de dados foi realizada por meio de estratégias de busca adaptadas a cada base de dados. Utilizaram-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e do *Medical Subject Headings* (MeSH), combinados pelos operadores booleanos AND e OR. As bases de dados consultadas foram: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com filtro para a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Google Acadêmico.

Quadro 1 – Resultados da busca personalizada nas bases de dados

Portais e bases de dados	Estratégias de busca	Quantitativo de artigos base/portal
BVS	("Cuidados de Enfermagem" OR "Nursing Care") AND ("Criança" OR "Child") AND ("Transtorno do Espectro Autista" OR "Autism Spectrum Disorder")	8
Google acadêmico	("enfermeiro" OR "enfermagem") AND ("cuidado" OR "cuidados") AND ("crianças com autismo" OR "autismo infantil") AND ("internação hospitalar" OR "hospitalização") AND ("práticas" OR "estratégias") AND ("experiência hospitalar" OR "atendimento hospitalar")	9

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

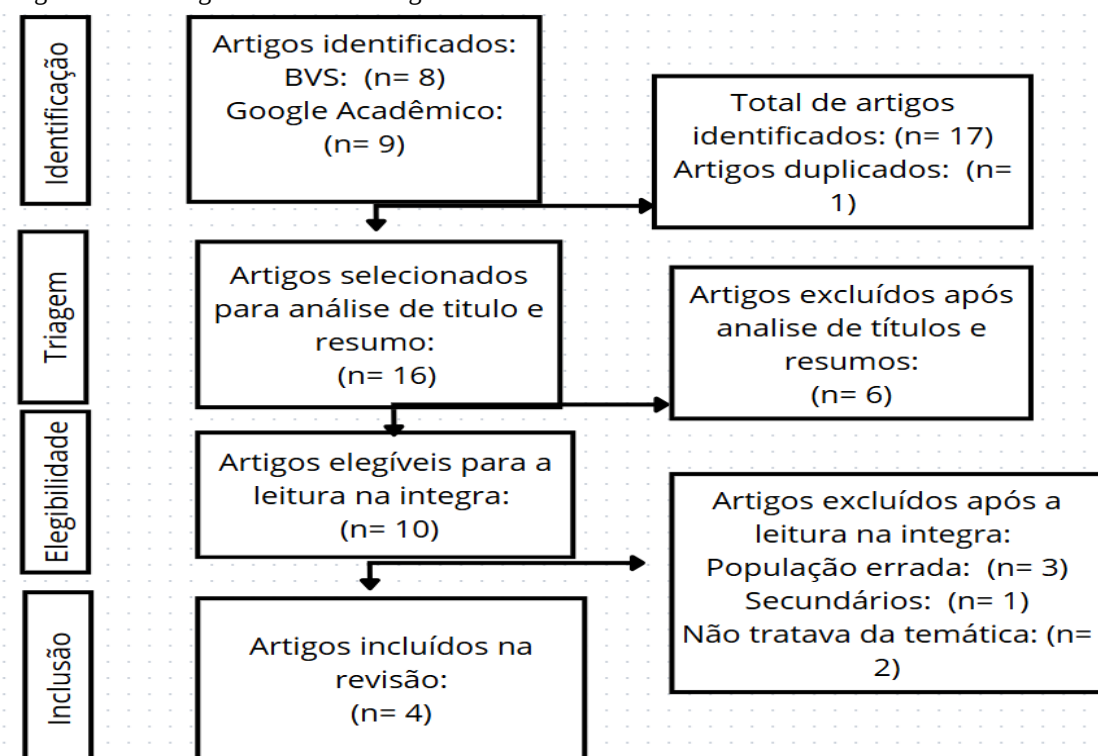
Para definição da amostragem desta revisão definiram-se os critérios de elegibilidade. Foram incluídos artigos científicos originais publicados em periódicos, especificamente estudos observacionais ou de caso. A escolha do idioma português visou a relevância para o contexto brasileiro e a análise de publicações nacionais. O período de publicação dos estudos foi delimitado entre janeiro de 2022 e dezembro de 2024, assegurando a atualidade das informações. Somente artigos com acesso ao texto completo foram considerados, e o enfoque principal recaiu sobre crianças

com diagnóstico de autismo atendidas pela equipe de enfermagem no ambiente hospitalar no âmbito brasileiro.

Em contrapartida, foram excluídas publicações que não atendessem a esses critérios, como publicações secundárias (editoriais de revistas, cartas ao editor, resumos em anais de eventos e relatórios técnicos). Também foram descartados estudos que não envolvessem a enfermagem, ou seja, pesquisas focadas em outras áreas da saúde sem discutir a atuação do enfermeiro. Por fim, foram excluídos estudos cuja população não correspondia ao enfoque, como aqueles que abordavam o cuidado de adolescentes e adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), não incluindo a faixa etária infantil (crianças até 11 anos, 11 meses e 29 dias).

Na Figura 1 apresenta-se os resultados da busca nas bases de dados usando o PRISMA.

Figura 1 - Estratégia de Busca de artigos usando o PRISMA



Fonte: Elaborado pela autoras (2025)

O PRISMA apresentado ilustra as etapas do processo de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos estudos em uma revisão integrativa. Inicialmente, foram identificados 17 artigos, sendo 8 provenientes da base de dados BVS e 9 do Google Acadêmico. Após a exclusão de um estudo duplicado, restaram 16 artigos para análise.

Na fase de triagem, os títulos e resumos de 16 artigos foram avaliados, resultando na exclusão de 6 deles por não atenderem aos critérios previamente estabelecidos. Em seguida, 10 artigos foram considerados elegíveis para leitura na íntegra. Após essa etapa, 6 estudos foram excluídos: 3 por

abordarem uma população distinta da proposta, 1 por se tratar de estudo secundário e 2 por não contemplar diretamente a temática de interesse. Ao final do processo, 4 artigos foram selecionados para compor a base de análise e discussão da presente revisão.

Após a etapa final de seleção dos manuscritos, foi realizada análise descritiva permitindo a observação, quantificação, descrição e categorização das informações.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O TEA, popularmente conhecido como autismo, foi um termo introduzido em 1911 pelo psiquiatra Eugen Bleuler. Sua origem etimológica, do grego "autós" ("de si mesmo"), referia-se inicialmente ao afastamento da realidade e ao retraimento interior observados em pacientes com esquizofrenia (CUNHA, 2019).

No contexto legal brasileiro, a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. É relevante notar que a legislação utilizava termos como "autismo" e "transtornos globais do desenvolvimento", que, com a publicação da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) pela APA em 2014, foram reclassificados como Transtorno do Espectro Autista e Transtornos do Neurodesenvolvimento, respectivamente (LOPES; TELASKA, 2022).

Globalmente, o TEA afeta cerca de 70 milhões de pessoas, segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU, 2010). No Brasil, em 2010, aproximadamente 500 mil indivíduos viviam com TEA (FERREIRA; FRANZOI, 2019), com uma prevalência mundial de 10 casos a cada 10.000 nascimentos. O aumento no número de diagnósticos pode ser atribuído à maior conscientização pública, à ampliação dos critérios diagnósticos e à melhoria das ferramentas de identificação (OPAS, 2017).

O TEA é mais comum em crianças do sexo masculino, na proporção de 4 para 1 em relação ao sexo feminino; contudo, a condição tende a se manifestar de forma mais grave quando presente em meninas (SOUSA *et al.*, 2018). Entre os fatores de risco associados ao TEA, destacam-se a idade avançada dos pais, baixo peso ao nascer, predisposição genética, fatores neurobiológicos e a exposição fetal ao ácido valpróico (HOFZMANN *et al.*, 2019).

Além disso, é importante reconhecer a comorbidade do TEA com outras condições neurológicas, como síndrome de Down, paralisia cerebral, síndrome de Tourette, e deficiências visuais ou

auditivas (CHARMAN; BAIRD, 2002). Em adolescentes e adultos com autismo de alto funcionamento cognitivo, são frequentes transtornos depressivos e de ansiedade (NEWSOM; HOVANITZ, 2006).

As respostas sensoriais e perceptuais atípicas são características comuns em crianças com TEA. Isso inclui hiper ou hipossensibilidade a estímulos sonoros, visuais, táteis, olfativos e gustativos, bem como um limiar elevado para a dor física e um medo exacerbado de estímulos geralmente inofensivos. Um exemplo notório é a reação de crianças autistas que cobrem os ouvidos e choram ao escutar sons triviais, como o de uma descarga de banheiro (SILVA; MULICK, 2009). Complementarmente, observa-se fascínio por estímulos visuais específicos, como luzes piscantes e reflexos, e aversões ou preferências marcadas por gostos, cheiros e texturas, podendo, por exemplo, recusar o toque em certas superfícies ou, ao contrário, lambar ou ingerir objetos com texturas específicas, mesmo que não comestíveis (NEWSOM; HOVANITZ, 2006).

Crianças com autismo frequentemente manifestam problemas de comportamento, muitas vezes severos, que abrangem hiperatividade, dificuldades de atenção (incluindo atenção hiperseletiva), impulsividade, além de comportamentos agressivos, autodestrutivos, perturbadores e destrutivos. Em crianças mais novas, a baixa tolerância à frustração é comum, expressa por "acessos de raiva" e "escândalos", como jogar-se no chão, gritar, chorar, bater a cabeça, morder-se e agredir outros (NEWSOM; HOVANITZ, 2006).

3.1.1 O papel do enfermeiro no cuidado de crianças com autismo

O papel do enfermeiro na prestação de cuidados de saúde é inerentemente complexo e fundamental para a qualidade assistencial. Suas funções abrangem desde a administração de medicamentos e o monitoramento de sinais vitais até a avaliação holística dos pacientes, a promoção da saúde e a educação em saúde (BRITO *et al.*, 2012). Este profissional desempenha uma função cada vez mais ativa na identificação das necessidades de saúde da população, atuando na promoção e proteção da saúde em diversas esferas, sendo crucial na implementação de intervenções terapêuticas, no manejo de condições crônicas e na promoção da saúde preventiva. Sua prática é vital para garantir um atendimento empático e centrado no paciente, refletindo a importância de uma abordagem integral e humanizada (BRITO *et al.*, 2012).

A Enfermagem, conforme destacado na Resolução COFEN Nº 564/2017 (COFEN, 2017, p. 1), é uma ciência, arte e prática social indispensável, com responsabilidades na promoção, restauração da saúde, prevenção de agravos e alívio do sofrimento, proporcionando cuidados à pessoa, à família

e à coletividade, de forma autônoma ou colaborativa. É essencial que os profissionais de enfermagem estejam bem preparados, uma vez que são os que mais interagem com a criança no ambiente hospitalar (DARTORA; FRANCHINI; MENDIETA, 2014).

Em casos de internação hospitalar, a situação torna-se particularmente desafiadora para crianças com TEA devido às características únicas do transtorno. Para este público, o cuidado exige que o enfermeiro desenvolva habilidades, conhecimentos e estratégias específicas para um atendimento individualizado. As intervenções e ações devem ser cuidadosamente planejadas e ajustadas ao grau do transtorno, abrangendo desde o uso de intervenções farmacológicas até uma atenção multiprofissional focada na integralidade do paciente (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

Nesse contexto, o cuidado visa minimizar o estresse e a ansiedade da criança, criando um ambiente que possa proporcionar conforto e segurança. Uma abordagem cuidadosa, livre de preconceitos e atenta às necessidades e ao sofrimento do paciente, especialmente considerando as dificuldades de expressão oral do autista, é imprescindível, cabendo ao enfermeiro oferecer escuta ativa e assistência holística (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

A construção de uma relação de confiança com a família é crucial para garantir segurança e tranquilidade, promovendo a adesão ao tratamento e a compreensão da relevância da participação ativa dos familiares (BARBOSA; NUNES, 2019). Os profissionais de enfermagem desempenham um papel central na comunicação e interação entre os familiares e a criança (NOGUEIRA; RIO, 2011), sendo cruciais tanto para as famílias quanto para a pessoa autista, não apenas no diagnóstico inicial, mas para proporcionar uma assistência digna frente aos transtornos e dificuldades emocionais enfrentadas (CAVALCANTE; ALVES; ALMEIDA, 2016).

A atuação do enfermeiro, portanto, vai além do atendimento convencional, abrangendo a assistência específica para pacientes com autismo, o que demanda o desenvolvimento de habilidades para identificar com facilidade os sinais do TEA, esclarecer dúvidas e estimular o tratamento e acompanhamento contínuos (MELO *et al.*, 2016). Entre as abordagens da enfermagem para o atendimento de crianças, destacam-se a intervenção musical e o uso de recursos lúdicos, que visam promover e fortalecer o desenvolvimento da autonomia, comunicação e modificação de comportamentos (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

4. ANALISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A amostra foi composta por 4 artigos justificada, pelo recorte temporal adotado e pelos critérios estipulados, que abrange publicações compreendidas entre janeiro de 2022 e dezembro de 2024. Tal

delimitação foi estabelecida com o objetivo de assegurar a atualidade e a relevância dos dados analisados.

Contudo, uma das principais limitações encontradas refere-se à escassez de estudos primários que tratem especificamente do cuidado de enfermagem hospitalar à criança com TEA no contexto brasileiro. Essa limitação evidencia uma lacuna significativa na produção científica nacional sobre o tema, o que, por sua vez, reforça a pertinência e a relevância desta pesquisa. Assim, após a análise dos artigos foram identificados os artigos como B1, B2 e assim sucessivamente.

A seguir, apresenta-se um Quadro contendo a caracterização dos artigos incluídos na revisão:

Quadro 2 – Caracterização dos artigos da revisão integrativa

Identificação	Periódico	Ano	Autores	Título	Local	Métodos e os principais resultados
B1	Google acadêmico	2022	MAGALHÃES, M. J.; SOUSA, G. R. P. de; SANTOS, D. S. dos; COSTA, T. K. DOS S. L.; GOMES, T. M. D.; MARQUE, M.; NETA, R.; ALENCAR, D. DE C	Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado	Revista Baiana de enfermagem	Método: Estudo exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com 11 crianças, utilizando a taxonomia <i>International Nursing Diagnoses</i> , a teoria do autocuidado e a <i>Nursing Interventions Classification</i> Resultados: Identificaram-se como principais problemas o isolamento social, a falta de motivação e a dependência para atividades de autocuidado, resultando na estruturação de 27 intervenções de enfermagem
B1	BVS	2024	HERR, J. A. G.; HIGASHI, P.; PARRADA LUZ, L. D.; SOUZA, I. F. de; MARTINS, R. A. da S.; SILVA, R. M. M. da	Percepção de enfermeiros da Atenção Primária sobre cuidados às famílias de crianças com espectro autista	Revista de Enfermagem da UFSM	Método: Pesquisa qualitativa descritiva com nove enfermeiros de unidades de Atenção Primária em Foz do Iguaçu, Paraná. Entrevistas realizadas em agosto e setembro de 2023, com análise de dados por Análise de Conteúdo, vertente Temática Resultados: Surgiram as categorias temáticas: percepção do enfermeiro sobre a família da criança com Transtorno do Espectro Autista, desafios do SUS no atendimento individualizado e a importância da formação e capacitação profissional
B2	Google acadêmico	2023	LOPES, G. F. dos S. STOKO, K. de O. CANIN, S. P.	Cuidados da enfermagem ao paciente autista	Etec Paulino Botelho - São Carlos	Método: estudo conduzido em três fases: aplicação de um questionário a alunos do 2º módulo de enfermagem e reaplicação do questionário após a aula. Resultados: Houve ampliação do conhecimento dos alunos sobre o transtorno, destacando a importância da capacitação dos profissionais de saúde para o acolhimento e orientação de

						famílias, a fim de melhorar o atendimento de pacientes com TEA no ambiente hospitalar.
A2	BVS	2023	JERÔNIMO, T. G. Z.; MAZZAIA, M. C.; VIANA, J. M.; CHISTOFOLINI, D. M	Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista	Acta Paulista de Enfermagem	Métodos: Estudo qualitativo com entrevistas a cinco enfermeiros do CAPS Infantil, analisado pela teoria das representações sociais. Resultados: A assistência envolveu cuidados terapêuticos, orientação a familiares e planejamento; as dificuldades incluíram lentidão nos resultados, desafios na articulação e despreparo profissional.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

A análise do papel do enfermeiro no cuidado de crianças com TEA durante a internação hospitalar evidencia a necessidade de uma prática assistencial que ultrapasse a dimensão técnica e promova um atendimento integral, sensível e adaptado às especificidades dessa população, conforme destacam os estudos de Jerônimo *et al.* (2023), Magalhães *et al.* (2022), Lopes *et al.* (2023) e Herr *et al.* (2024) contribuem para uma reflexão aprofundada sobre as estratégias e práticas que favorecem uma experiência hospitalar mais acolhedora e segura para esses pacientes.

A complexidade do cuidado à criança com TEA exige do enfermeiro habilidades que extrapolam os procedimentos clínicos. Conforme Jerônimo *et al.* (2023), é fundamental a criação de um ambiente terapêutico que estimule a autoestima, o autocuidado e a interação social, além de proporcionar acolhimento integral. Estratégias como adaptação do espaço físico, organização de rotinas visuais, comunicação clara e objetiva e suporte familiar são essenciais para reduzir os efeitos adversos da hospitalização, especialmente frente às dificuldades de comunicação e alterações sensoriais características do transtorno.

Magalhães *et al.* (2022) destacam que a prática de enfermagem, orientada por referenciais teóricos como a Teoria de Orem e as taxonomias *North American Nursing Diagnosis Association Internacional* (NANDA-I) e *Nursing Interventions Classification* (NIC), permitem a identificação precoce de déficits de autocuidado e a implementação de intervenções personalizadas, respeitando o ritmo da criança. O uso de recursos como cronogramas visuais, histórias sociais e atividades lúdicas mostra-se eficaz na promoção da autonomia e engajamento da criança em sua rotina hospitalar.

No que tange à formação profissional, Lopes *et al.* (2023) evidenciam a importância da capacitação contínua dos enfermeiros. Apesar dos avanços promovidos por ações educativas, ainda há lacunas significativas na prática assistencial voltada ao público com TEA. A ausência de formação específica compromete a identificação de sinais clínicos, o manejo de crises e a construção de estratégias comunicacionais eficazes, impactando negativamente a qualidade da assistência prestada.

Herr *et al.* (2024) ampliam essa discussão ao abordar a centralidade da família na rede de cuidado. A sobrecarga emocional, a insuficiência de serviços especializados e a desarticulação entre os níveis de atenção dificultam a continuidade do cuidado. Nesse cenário, o enfermeiro exerce função estratégica na coordenação das ações assistenciais, atuando como elo entre a equipe multiprofissional, a criança e seus familiares, promovendo o fortalecimento da rede de apoio e a integralidade do cuidado.

A literatura analisada converge no entendimento de que o cuidado hospitalar à criança com TEA deve ser pautado em estratégias individualizadas, flexíveis e centradas na pessoa. A avaliação contínua das necessidades, o uso de recursos visuais e auditivos, a adequação das rotinas hospitalares e a escuta qualificada são elementos essenciais para a construção de um vínculo terapêutico eficaz, baseado na empatia, segurança e confiança (JERÔNIMO *et al.*, 2023; LOPES *et al.*, 2023).

Entretanto, desafios como a ausência de protocolos específicos, a precariedade dos serviços de apoio e a carência de políticas públicas voltadas ao atendimento dessa população reforçam a necessidade de investimentos em educação permanente e na qualificação dos profissionais de saúde. A atuação interprofissional, conforme apontado por Jerônimo *et al.* (2023) e Herr *et al.* (2024), é indispensável para a promoção de um cuidado contínuo, integrado e resolutivo.

Conclui-se que o papel do enfermeiro na hospitalização de crianças com TEA exige uma prática reflexiva, embasada em evidências e comprometida com a humanização da assistência. O fortalecimento da formação profissional, a valorização das especificidades do cuidado e o engajamento em ações inclusivas são fundamentais para garantir o respeito à dignidade e aos direitos dessas crianças e de suas famílias (MAGALHÃES *et al.*, 2022; HERR *et al.*, 2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise realizada, evidencia-se que o cuidado de crianças com TEA no ambiente hospitalar exige do enfermeiro uma atuação que transcenda o caráter meramente técnico, incorporando práticas humanizadas, sensíveis e fundamentadas em conhecimentos específicos sobre as particularidades desse público. As evidências demonstram que estratégias adaptadas, como o uso de recursos visuais, a organização de rotinas previsíveis e o fortalecimento do vínculo com a família, são fundamentais para minimizar os efeitos adversos da hospitalização, promovendo segurança, bem-estar e autonomia da criança.

Verifica-se, ainda, que a capacitação contínua dos profissionais de enfermagem é imprescindível para a qualificação da assistência, assegurando intervenções assertivas e baseadas em evidências. A sensibilização dos enfermeiros às demandas específicas do TEA, aliada ao

fortalecimento da articulação interprofissional e das redes de apoio, favorece a construção de um cuidado integral, inclusivo e resolutivo.

Conclui-se que o papel do enfermeiro no cuidado hospitalar de crianças com TEA é de elevada relevância e complexidade, exigindo competências técnicas, científicas e relacionais. A adoção de práticas reflexivas, acolhedoras e individualizadas representa um caminho promissor para a efetivação de um cuidado seguro, humanizado e centrado nas necessidades da criança e de sua família.

REFERÊNCIAS

BAILEY, A.; LE COUTEUR, A.; GOTTESMAN, I.; BOLTON, P.; SIMONOFF, E.; YUZDA, E.; RUTTER, M. Autism as a strongly genetic disorder: evidence from a British twin study. **Psychological Medicine**, Cambridge, v. 26, n. 4, p. 777-789, jul. 1996.

BARBOSA, P. A. S.; NUNES, C. R. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. **Linkscienceplace**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-18, jul/set. 2019.

BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRITO, M. J de O.; ANDRADE, M de S.; SOUZA, M das G. B. O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 223-230, 2012.

CAVALCANTE, A. S.; ALVES, N. A.; ALMEIDA, A. B. A assistência do enfermeiro à pessoa portadora de autismo: uma revisão integrativa. In: **Anais do XII Simpósio de TCC**. Brasília: ICESP, 2016, p. 1780-1791.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 8. ed. Wak, 2019.

CHARMAN, T.; BAIRD, G. Practitioner review: Diagnosis of autism spectrum disorder in 2- and 3-year-old children. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 43, n. 3, p. 289-305, 2002.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução COFEN Nº 564/2017**, 2017.

DARTORA, D. D.; FRANCHINI, B.; MENDIETA, M. C. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health. Pelotas**, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014.

FERREIRA, A. C. S.; FRANZOI, M. A. H. Knowledge of nursing students about autistic disorders. **J Nurs UFPE online**. Recife, v. 13, n. 1, p. 51-60, 2019.

HERR, J. A. G.; HIGASHI, P.; PARRA DA LUZ, L. D.; SOUZA, I. F de; MARTINS, R. A da S.; SILVA, R. M. M da. Percepção de enfermeiros da Atenção Primária sobre cuidados às famílias de crianças com espectro autista. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Santa Maria, v. 14, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/2179769285735>. Acesso em: 9 maio 2025.

HOFZMANN, R da R.; PEROND, M. I.; MENEGAZ, J.; LOPES, S. G. R.; BORGES, D da S.

Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enferm. Foco**, v. 10, n. 2, p. 64-69, 2019.

JERÔNIMO, T. G. Z.; MAZZAIA, M. C.; VIANA, J. M.; CHISTOFOLINI, D. M. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 36, eAO030832, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/actaape/2023AO030832>. Acesso em: 9 maio 2025.

LOPES, D. A.; TELASKA, T de S. Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: Revisão sistemática da literatura. **Rev. Psicopedagogia**. V. 39, n. 120, p. 425-434, 2022.

LOPES, G, F dos S.; STOKO, K de O.; CANIN, S. P. **Cuidados da enfermagem ao paciente autista**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Técnico de Enfermagem da Etec Paulino Botelho - São Carlos, 2023.

MAPELLI, L. D.; BARBIERI, M. C.; CASTRO, G. V. D. Z. B.; BONELLI, M. A.; WERNET, M.; DUPAS, G. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 4, 2018.

MAGALHÃES, J. M.; LIMA, F. S. V.; SILVA, F. R. de O.; RODRIGUES, A. B. M.; GOMES, A. V. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Revista Enfermería Global**. V. 19, n. 3, p. 565-577, 2020.

MAGALHÃES, J. M.; SOUSA, G. R. P de; SANTOS, D. S dos; COSTA, T. K dos S L.; GOMES, T. M. D.; RÊGO NETA, M. M.; ALENCAR, D de C. Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 36, p. e44858, 2022. DOI: 10.18471/rbe.v36.44858.

MELO, C. A.; SOUSA, J. L.; FERREIRA, M. R.; LIMA, T. P.; OLIVEIRA, D. S. Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. **Mostra Interdisciplinar do Curso de Enfermagem**. V. 2, n. 2, p. 1-7, 2016.

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G.; PRISMA GROUP. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **PLoS Medicine**, v. 6, n. 7, p. e1000097, 2009. DOI: 10.1371/journal.pmed.1000097.

NEWSOM, C.; HOVANITIZ, C. A. Autistic spectrum disorders. In: E. J. Mash.; R. A. Barkley (Eds.), **Treatment of childhood disorders**. New York: Guilford Press. v.1, n. 3, p. 455-511, 2006.

NOGUEIRA, M. A. A.; RIO, S. C. M. M. A família com criança autista: apoio de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**. Porto, v. 5, n. 1, p. 16-21, 2011.

OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde). **Folha informativa-transtorno do espectro autista**. 2017.

ONU. Organização das Nações Unidas. **É necessária uma maior conscientização e compreensão do autismo, diz chefe da ONU**. 2010.

PINTO, R. N. M.; TORQUATO, I. M. B.; COLLET, N.; REICHERT, A. P da S.; NETO, V. L de S.; SARAIVA, A. M. Autismo infantil: impacto, diagnóstico e repercussões nas relações familiares.

Revista Gaúcha de Enfermagem. Rio Grande do Sul, v. 37, n. 3, p. 1-9, 2016.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas. **Psicologia, Ciência e Profissão.** V. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.

SCHECHTER, R.; GREETHER, J. K. Continuing increases in autism reported to California's Developmental Services System: Mercury in retrograde. **Archive of General Psychiatry**, 65 (1), 19-24, 2008.

SOUSA, B. S de A.; ALMEIDA, C. A. P. L.; CARVALHO, H. E. F de; GONÇALVES, L de A.; CRUZ, J. N da. A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar. **Rev. Saúde e Pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 163-170, 2018.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546–553, 2005.